



# Iniciação Científica



# PROCESSOS DE DESINTEGRAÇÃO EM QUARUP

Carlos Augusto Carneiro COSTA<sup>1</sup>  
Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA  
carllosac@bol.com.br.

plus l'amour, plus j' ai envie de faire la revolution, plus je fais la revolution, plus je fais la revolution, plus j'ai envie de faire l'amour

## Considerações iniciais<sup>2</sup>

Apesar de toda a crise ideológica e da perda de credibilidade que a Igreja católica vem sofrendo desde a Reforma Protestante, ainda assim, é difícil imaginar um padre se transformando num “doador” de amor carnal às mulheres e professor de “prática sexual” dos homens; um padre capaz de se “anestésiar” por meio do uso de éter para evitar encarar com sobriedade seus próprios problemas existenciais e as questões políticas e sociais de sua comunidade e de seu país; um padre que, após um tempo de vida inteiramente dedicado a Deus e aos rigorosos dogmas religiosos do catolicismo, abandone a batina e passe a viver em função do prazer e da felicidade, e depois de passar por essas etapas, finalmente engaje-se na resistência contra o estado

---

1 - Ex-bolsista PARD/CAPES de IC. Graduado em Letras pela UFPA – Campus Universitário de Abaetetuba. Direções para contato: [carllosac@bol.com.br](mailto:carllosac@bol.com.br). A orientadora deste trabalho é a Profa. Dra. Tânia Sarmiento-Pantoja. Professora do Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA. Desenvolve atividades de ensino e pesquisa na área de literatura de língua portuguesa e coordena grupo de pesquisa sobre narrativa de resistência. Direções para contato: [nicama@ufpa.br](mailto:nicama@ufpa.br).

2 - Todo o conteúdo deste trabalho foi originalmente produzido durante as pesquisas de Iniciação Científica realizadas no projeto de pesquisa *Leituras da Ditadura: discursos ficcionais e não-ficcionais da resistência ao regime militar de 1964*, desenvolvido na UFPA – Campus Universitário de Abaetetuba, coordenado pela Profa. Dra. Tânia Sarmiento-Pantója e financiado pelo PARDs/CAPES.

ditatorial a partir da luta armada. Este padre é o protagonista Nando, do romance *Quarup* (1967)<sup>3</sup>, de Antônio Callado.

O presente estudo se propõe analisar como ocorrem os processos de desintegração desse protagonista. Parto da hipótese de que a desintegração de Nando está associada à sua ruptura com duas ideologias dominantes recorrentes no processo de construção do romance – a saber, a da Igreja católica e a do regime ditatorial. Para tanto, procuramos responder à seguinte questão: por que padre Nando abandona seus votos de castidade, cheira éter e passa a levar uma vida hedonista? Este trabalho tem como base metodológica de análise os pressupostos teóricos convergentes do Materialismo Cultural e do Novo Historicismo estudados por Thomas Bonnici em seu artigo **Novo historicismo e materialismo cultural** (2003). Para melhor compreender e caracterizar as ações de Nando, que apontam para os processos de desintegração, utiliza-se o estudo **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo** (1993)<sup>4</sup>, de Gilles Lipovetsky. Considerando aspectos destacados por Lipovetsky, analisam-se algumas características presentes no romance calladiano, em particular o processo de *personalização* do indivíduo contemporâneo, tendo como referencial os comentários acerca do *hedonismo* e do *narcisismo* propostos por Lipovetsky.

O estudo está dividido em três etapas, além das considerações iniciais e das considerações finais, todas interligadas, a fim de torná-lo o mais claro e objetivo possível. No primeiro momento, são feitas algumas considerações sobre o autor da narrativa em questão, com a finalidade de conhecer suas atitudes face ao seu contexto histórico. Em seguida, é apresentado o romance **Quarup**, a partir de uma síntese sobre o ambiente histórico, político, e cultural em que foi escrito. No

---

3 - Para todas as citações referentes a esta obra, utilizo a edição de 1984.

4 - Para todas as citações referentes a esta obra, utilizo a edição de 2005.

terceiro momento, é proposta uma análise do romance, com vistas a coletar informações que corroborem a hipótese de investigação deste artigo.

### **1 Um Callado que fala em nome do povo<sup>5</sup>**

Para o Novo Historicismo e o Materialismo cultural, o autor de um texto literário é “inseparável de seu contexto histórico”, isto é, o seu papel na produção de uma obra literária “é determinado por circunstâncias históricas”. Desse modo, os “dados biográficos [...] *não* são levantados com a finalidade de esclarecer o texto literário, ou vice-versa” (BONNICI, 2003, p. 199). Com base nesse percurso o que se pretende investigar, de fato, é a maneira como o autor representa, em seus textos literários, os eventos históricos internalizados por meio de suas experiências. Interessa saber como esses eventos são tratados e desdobrados no texto por meio de seu discurso; as conseqüências desses eventos no processo de construção das vozes discursivas do texto literário. Por esses fatores, consideramos importante fazer um levantamento, não dos dados biográficos de Antônio Callado, mas, sim, de sua trajetória enquanto sujeito histórico constituído por meio de experiências acumuladas durante sua existência, que são refletidas, conseqüentemente, em sua produção literária.

Antônio Carlos Callado foi jornalista, romancista, biógrafo e teatrólogo. Nasceu no município de Niterói, no Rio de Janeiro, em 26 de janeiro de 1917. Seu pai, Dário Callado, era médico e poeta parnasiano, e sofria de tuberculose, motivo que fez a família Callado mudar-se para o município de Petrópolis, onde o clima poderia ajudar no tratamento da doença do pai.

---

5 - Um dos melhores panoramas sobre a trajetória de vida de Antônio Callado está em Antonio Callado: um sermonário à brasileira (MARTINELLI, 2006).

Filho caçula dos quatro gerados pela professora Edite Pitanga, Antônio Callado estudou direito, formando-se em 1939, mas nunca exerceu a profissão de advogado. O contato com a literatura francesa e com as obras de Euclides da Cunha, quando ainda era criança e vivia entre os livros da rica biblioteca do pai, foi determinante para o despertar de sua paixão pela profissão de escritor.

Dedicando-se primeiramente ao jornalismo, Callado mudou-se para Londres em 1941, de onde fez a cobertura da Segunda Guerra Mundial, junto à rádio BBC. Durante o período que morou em Londres, Antônio Callado conheceu a inglesa Jean Maxine Watson, jornalista assessora do serviço latino-americano da BBC, com quem se casou e teve três filhos. No ano de 1944, mudou-se para Paris, onde trabalhou na Radio-Diffusion Française. O seu regresso ao Brasil ocorre em 1947, quando a Guerra já havia encerrado.

Por várias vezes Antônio Callado foi preso, acusado de subversão pelo regime militar instaurado no Brasil por meio do golpe de 1964. Sua primeira prisão acontece em 1965, quando era editorialista do *Jornal do Brasil*, portanto, um ano após o início da ditadura. No confinamento, Callado esboça a construção do romance que é objeto desta investigação – **Quarup** – lançado dois anos depois, em 1967, revelando toda a tensão política do país (de 1954 a 1964) apresentada, principalmente, pelas vozes discursivas dos camponeses do Nordeste brasileiro. Ainda em 1967, Callado é cassado pelo regime militar, sendo privado de seus direitos políticos por dez anos.

No ano seguinte ao da publicação de **Quarup**, Callado vai ao Vietnã fazer cobertura da guerra contra os Estados Unidos. Em 1971, publica o romance **Bar Don Juan**, em que revela sua desilusão quanto à possibilidade de fazer revolução no Brasil, inaugurando uma fase de desconstrução do seu projeto revolucionário.

Apesar de ter sido socialista, Antônio Callado jamais se filiou em

um partido político, mas sempre se manteve fiel à sua ideologia esquerdista. Sempre se mostrou inconformado com a situação miserável em que viviam os marginalizados e oprimidos de seu país. Além da luta política, Antônio Callado também teve de lutar durante muito tempo contra um câncer na próstata. Oito anos após ter realizado a segunda cirurgia para tentar se livrar da doença, Callado levou um tombo em seu apartamento no Rio de Janeiro, o que lhe causou uma fratura no fêmur, vindo a falecer no dia 28 de janeiro de 1997, aos oitenta anos, deixando viúva sua segunda esposa, a jornalista Ana Arruda Callado.

Antônio Callado ocupava, desde 1994, a cadeira número oito da Academia Brasileira de Letras (ABL), antes ocupada por Austregésilo de Athayde.

## 2 Do suicídio ao assassinato do Brasil

O romance **Quarup** narra o drama existencial e a aventura heróica de Nando, um padre idealista que, por acreditar na possibilidade de que os problemas sociais brasileiros poderiam ser resolvidos a partir da civilização das últimas comunidades indígenas ainda existentes no país, resolve se deslocar para o Xingu, onde construiria sua prelazia e assim daria início à sua missão. Após longo período residindo na selva amazônica, Nando reconhece a impossibilidade de realizar tal tarefa. De volta a Pernambuco, se junta a Francisca, mulher por quem se apaixona, na missão de alfabetizar os camponeses trabalhadores de engenho. Ao reencontrar com antigos amigos e conhecer vários camponeses sindicalizados, Nando resolve se engajar na luta por melhores condições de vida para aquelas pessoas. Contudo, após ser preso e torturado, se frustra mais uma vez e resolve se afastar temporariamente de qualquer ato revolucionário, vindo a se engajar novamente no final do romance quando, juntamente com Manoel Tropeiro, companheiro de luta,

resolve fugir para o interior do Nordeste, onde se engaja no projeto de revolução armada.

Permeando quase toda a narrativa está o romance entre Nando e Francisca. Os dois se conhecem quando ele ainda é padre e trabalha no ossuário do Mosteiro. Ela era namorada de Levindo, um jovem revolucionário morto durante uma ação armada em defesa dos camponeses. A paixão entre os dois se descortina quando se reencontram no Xingu. Por esse tempo Levindo está morto, Nando já havia rompido com os votos de castidade e não teme mais ver nua mulher alguma, especialmente aquela por quem se apaixonara. O romance não conta com um final feliz entre os dois, entretanto, Nando descobre a verdadeira função de Francisca na sua vida.

O período em que transcorre todo o processo de construção do romance *Quarup* está compreendido entre dois fatos marcantes no cenário político brasileiro: o suicídio de Getúlio Vargas (1954), e o golpe militar de 1964. Assim, a compreensão dos momentos finais da era Vargas e as motivações que levaram os militares a tomar o controle político do Brasil, são coadjuvantes no processo de análise do romance *Quarup*, pois são aspectos abarcados ficcionalmente pela narrativa.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a política imperialista foi retomada, principalmente pelos Estados Unidos, que se empenhou em reconquistar o mercado brasileiro. Entretanto, entre os anos de 1951 e 1954, período do novo governo de Getúlio Vargas, a política econômica adotada pelo governo brasileiro era de caráter nacionalista – neste período foi criada a Petrobrás, a mais importante iniciativa governamental tomada com o processo de nacionalização. Tornava-se evidente que a política nacionalista brasileira desagradava diretamente os interesses dos Estados Unidos, cujo governo via no Brasil um mercado extremamente

lucrativo. A elite brasileira conservadora preocupada em garantir a manutenção de seus interesses, logo se mostrou insatisfeita com o governo. Carlos Lacerda, então proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa*, logo se interpôs como uma das vozes de desagravo realizando uma campanha “antigetulista”.

No ano de 1954, Lacerda sofre um atentado, mas consegue se salvar. O mesmo não acontece com o major da aeronáutica Rubens Vaz, que vem a falecer em consequência do atentado. Este evento fez com que os militares se revoltassem contra o governo, chegando a exigir a renúncia de Vargas, uma vez que alguns membros da segurança presidencial figuravam entre os envolvidos no suposto crime. Em meio a toda essa turbulência política, na noite de 24 de agosto de 1954, Getúlio Vargas suicidou-se no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.

No período que se estendeu do suicídio de Vargas até as novas eleições, o Brasil foi governado por três presidentes civis. Em 1956, foi eleito Juscelino Kubitschek, cujo governo se estenderia até 1961 e ficaria marcado pelo desenvolvimentismo. Kubitschek ofereceu amplo apoio ao empresariado nacional, investiu na construção da nova capital do país e também incentivou a entrada de capital estrangeiro por meio de empréstimos ou de investimento direto, especialmente na criação da indústria automobilística, que impulsionou fortemente a industrialização do país. Entretanto, essa política fez crescer a inflação.

A Sudene (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste), criada por Kubitschek com o objetivo de incentivar também a industrialização daquela região e, assim, homogeneizar o desenvolvimento nacional, não teve saldo positivo. Ocorreu, com isso, a migração de nordestinos para o Centro-sul, região mais desenvolvida do país, e que, naquele momento, sofria o processo

conhecido como “inchaço” populacional<sup>6</sup>. As favelas e bairros periféricos começaram a se formar, constituindo-se, em sua maioria, de famílias nordestinas que viviam na miséria, vítimas da falta de emprego. O povo começava a se sentir insatisfeito com o governo Kubitschek. A prova desta insatisfação é confirmada com a eleição de Jânio Quadros para o governo brasileiro, derrotando Henrique Lott, candidato apoiado por partidos pertencentes à hegemonia getulista.

Jânio Quadros esteve à frente do país por menos de um ano. Adotando uma política que feria os interesses norte-americanos, Jânio logo enfrentou a antipatia da classe dominante do país e dos próprios americanos. Sua identificação com o Comunismo levou Carlos Lacerda, então governador do Estado da Guanabara, a fazer a denúncia de que o presidente estaria tramando a implantação de um regime comunista no país, semelhante ao de Cuba.

Sob muita pressão, Jânio renunciou ao cargo com a intenção de voltar com o apoio popular e, assim, estabelecer um governo autoritário. Seu plano falhou, pois o apoio esperado não veio. Seu vice, João Goulart (1961-1964), também identificado como comunista, assumiu o governo depois de muita relutância por parte dos militares. Todos os eventos que se sucederam desgastaram o governo de Goulart. Após várias pressões, Jango, como era conhecido o então presidente, deixou Brasília no dia 1º de abril, refugiando-se no Uruguai. No dia 15 de abril de 1964, os militares consolidaram o golpe com a eleição do general Castelo Branco. Seguiram-se, portanto, durante os vinte e um anos de ditadura militar, vários atos de repressão, tortura, censura, privação da liberdade de expressão e anulação dos direitos políticos.

---

6 - Consiste no crescimento desordenado de centros urbanos, em função da migração de pessoas, em sua maioria pobres, em busca de trabalho e melhores condições de vida nas grandes cidades.

Um princípio compartilhado pelas práticas críticas novi-historicista e materialista cultural é o de que “o texto literário está envolvido num amplo conjunto formado por elementos históricos, culturais, políticos, econômicos e sociais” (BONNICI, 2003, p. 199). Partindo deste pressuposto, torna-se necessário fazer um levantamento dos principais acontecimentos relacionados às esferas citadas anteriormente, uma vez que, assim como a trajetória histórica do autor possui influência nas vozes discursivas, as questões políticas e culturais também terão ressonância no processo de construção do romance.

Desse modo, vários dos eventos históricos, políticos e culturais, anteriormente citados, são descritos na narrativa **Quarup**, revelados direta ou indiretamente pelas vozes discursivas do texto. A ficção desse modo intertextualiza vários aspectos na medida em que abarca elementos factuais da história. Um exemplo é a notícia do atentado ao jornalista Carlos Lacerda, durante o governo populista de Vargas, dada pelo personagem Gouveia: “– O Carlos Lacerda levou um tiro” (CALLADO, 1984, p. 201). Além desse, vários outros eventos históricos são descritos no romance como as revoltas camponesas no Nordeste brasileiro, organizadas em função das péssimas condições de sobrevivência e trabalho do povo daquela região. A esse respeito, o personagem Levindo falou, ainda sangrando pelo ferimento causado por um tiro levado em uma das revoltas: “– Toda a terra de Pernambuco é dos outros. Eu sabia e os camponeses sabiam que a Polícia, que também é dos outros, acudia logo para desmanchar as choupanas” (CALLADO, 1984, p. 11). O próprio momento em que o protagonista Nando resolve viver a vida de modo prazeroso é um sintoma da revolução cultural ocorrida no referido período no país. Alcmemo Bastos (2000, p. 24) explica que esses acontecimentos históricos, chamados de “matéria de extração histórica”, têm

ressonância no texto literário e permeiam todo o romance.

### 3 Quarup: um romance com sabor de contracultura

O período que marca o processo de construção da narrativa romanesca **Quarup** é fértil também no aspecto cultural. Vários foram os eventos que permearam a vida cultural do povo brasileiro. A começar pela disseminação do rádio e, posteriormente, da televisão<sup>7</sup>, que levavam as informações de maneira mais imediata às casas; proporcionavam o entretenimento das pessoas por meio da apresentação de programas de auditório, *shows*, rádio e telenovelas etc. Segundo Janete Gaspar Machado (1981, p. 25).:

Há todo um contexto cultural, um processo de evolução, cobrando do artista essa atitude de renovação para que se opere a necessária transformação dos caminhos e finalidades da arte em geral e, neste caso específico, do Romance, sugerindo uma relação estreita entre a arte e a alteração cultural: o tempo atual, afetado em todas as formas de vida pela contínua evolução/progresso – científico, social – apresenta modificações tão aceleradas que é impossível acompanhar e assimilar.

O contexto cultural que envolve a construção do romance em questão tem início a partir de 1958, quando a *Bossa Nova* ganha espaço nos meios de comunicação (rádio e tv). Paralelamente, muitos dos jovens brasileiros oriundos das classes médias andavam fascinados pelo *rock'n roll*, pelo cinema e pelos carros e motocicletas americanos, outros pela possibilidade de rebelar-se *pour une planète plus bleue*<sup>8</sup>. Trata-se de um tempo em que o sentido de liberdade se relaciona com a utopia de uma existência desburocratizada, oriunda principalmente

7 - Estes instrumentos de difusão cultural já existiam no cenário nacional antes de 1953. Entretanto, foi na década de 50 que eles ganharam mais espaço, à exceção da televisão que somente conseguiu se firmar a partir da década seguinte, com o barateamento dos aparelhos receptores.

8 - Slogan do movimento estudantil do “Maio de 68”.

das manifestações estudantis que grassavam em outros países e de certas posturas artísticas; uma existência particularmente fundada numa alegria sensual, hedônica, livre de coações e criativa quanto aos modos de se expressar. Por essa época *rebeldia* é uma idéia com possibilidades plurais de expressão, que permeia as subjetividades dos jovens durante os anos em que essa vontade de ser livre foi obrigada a conviver com um estado autoritário. Essas características, que muitas vezes se traduziram na maneira de vestir, de compor os cabelos, de fazer sexo, amar e usar a linguagem, em muitos casos dialogaram com sentimentos de resistência na seara política.

Lipovetsky (2005, p. 18-23) argumenta sobre esse desejo de liberdade presente no espírito do homem contemporâneo: “Viver livre e sem pressões, escolher seu modo de existência são os pontos mais significativos no social e no cultural do nosso tempo”. Essa afirmativa que Lipovetsky diz se relacionar mais propriamente ao século XX chega a ganhar contornos heróicos no final da década de 60 do século citado, deixando rastros nos meandros do existir posterior.

A arte de modo geral se constitui em importante veículo dessas atitudes, e a literatura brasileira, ganharia muito desses contornos subversivos. Para Machado (1981, p. 26) uma característica fundamental do romance contemporâneo é o fato de retratar as mudanças ocorridas no comportamento, nas atitudes, nos costumes e gostos da sociedade. Unindo aspectos do romance produzido a partir da revolução artística moderna com aspectos da atualidade, o escritor contemporâneo consegue criar novas formas de produzir o romance:

O escritor contemporâneo reafirma vínculos com o passado ao adotar, no seu trabalho criador, o legado modernista atualizado na fidelidade à pesquisa estética, como forma de

fidelidade ao tempo presente, ao novo, fazendo com que o tema mais cultuado e o mais atual seja o tema das mudanças na maneira de encarar o mundo, o tema das transformações do modo como as pessoas vivem. Fazendo também com que *Romance Novo* possa ser esse que consegue captar essa idéia de transformação através de formas também inovadoras (MACHADO, 1981, p. 26).

Transformação, eis a palavra-chave. E como idéia ela permeia o plano literário que desemboca em **Quarup**. Segundo Marcos Martinelli (2006, p. 83) em toda a produção calladiana **Quarup** cumpre o papel de se colocar como “única obra radical contra o governo militar chegando a pregar a revolução guerrilheira”. Diz ele ainda: “Se em *Assunção de Salviano* o herói era um camponês ateu revolucionário que se transforma em beato religioso, em *Quarup* o herói seria o religioso que se transformaria em revolucionário guerrilheiro” (MARTINELLI, 2006, p. 83).

Ainda que a narrativa **Quarup** esteticamente se constitua ainda muito ligada ao romance de 30, em função de certas características formais e mesmo temáticas, a transformação nela se apresenta efetivamente ligada à desintegração do protagonista e esta se articula a partir do binômio amor-revolução tal qual os anseios presentes na epígrafe citada no início deste trabalho: “*plus l'amour, plus j'ai envie de faire la revolution, plus je fais la revolution, plus je fais la revolution, plus j'ai envie de faire l'amour*”<sup>9</sup> (MATOS, 1998, p.68), palavra de ordem proferida pelos estudantes franceses de 68. É com este olhar que analisamos, a partir de agora, os processos de desintegração do protagonista de **Quarup** – a saber: a prática do sexo livre, o uso de éter, o hedonismo. Antes, um breve esclarecimento sobre o termo *desintegração*.

De acordo com Ferreira (1983, p. 394), a palavra desintegração

9 - “Quanto mais eu faço amor, mais eu tenho vontade de fazer a revolução, quanto mais eu faço a revolução, mais eu tenho vontade de fazer amor”.

designa o ato de “desintegrar” que, por sua vez, significa: tirar a *integração* de; separar (de um todo); perder a *integridade*; dividir-se; reduzir-se. Das quatro definições do verbete desintegrar, a segunda e a terceira são as que mais se relacionam ao processo de desintegração de Nando.

## **4 Do amor à revolução**

### **4.1 O sexo**

O primeiro episódio do romance se passa num ambiente fechado, de “hálito faraônico”, um “lugar imundo” (CALLADO, 1984, p. 17), chamado ossuário, onde poucas pessoas tinham permissão para entrar. Este era o local preferido de Nando quando ainda padre. A imagética do ossuário enquanto cripta remete a alguns signos universais ligados, ao mesmo tempo à retenção e ao refúgio: anfractuosidade, dificuldade de acesso à luz externa, prisão e obscuridade. Para Nando trata-se naquele momento de um lugar favorável aos anseios que ora lhe são importantes, pois, uma vez no confinamento consegue permanecer fiel aos dogmas da Igreja. A reclusão do ossuário permite a ele dispersar-se do mundo.

No que concerne aos processos de transformação pelos quais Nando passa até a finalização da narrativa o ossuário representa o primeiro estágio de um estado interior de sua existência enquanto sujeito social e histórico. Etapa em que ele se encontra voltado para si mesmo, e em que toda idéia de intervenção sobre o mundo externo é recalçada:

A dispersão do mundo dispersava também a sua pessoa. Seu medo de partir para a missão que o uniria a si mesmo resultava nisto. O mundo era uma distração feita de um milhão de idéias passageiras. Uma incessante fita de cinema diante do altar de Deus (CALLADO, 1984, p. 10).

O ossuário representa um medievalismo que não é apenas histórico,

mas crítico em relação à própria constituição do humano. Considerando tais processos é possível estabelecer relações entre o que se inscreve na ficção e as condições culturais que fazem parte de seu contexto de produção. Nos dizeres de Lipovetsky sobre a existência contemporânea (2005, p. 8), “na vida cotidiana, o modo de vida, a sexualidade, o individualismo até a data recente viu-se barrado em sua expansão por pesadas armaduras ideológicas, instituições, costumes ainda tradicionais ou disciplinares-autoritários”. Veremos que à sua maneira Nando desafia essas armaduras, desnudando-se delas ao longo de seu trajeto. Logo, ele inicia o contato com as pessoas do mundo exterior com o intuito de realizar sua missão no Xingu, o que marcaria profundamente o seu modo de viver. Aos poucos ele se torna ator de uma sociedade em que é cada vez mais difícil se manter íntegro, em que os desejos de liberdade e a vontade de viver sem as severas imposições das instituições tradicionais se intensificam.

Para entendermos melhor essas mudanças, é preciso pensar na idéia de união de que fala o narrador no fragmento de **Quarup** acima destacado. Ela representa o encontro de Nando com seus próprios desejos, com seus mais primitivos impulsos censurados pelos dogmas religiosos dos quais era seguidor. Quando Nando resolve se empenhar em sua missão, ele demonstra um certo temor pelo que poderia iniciar seu processo de desintegração: “Tenho medo de me defrontar com as índias nuas” (CALLADO, 1984, p. 79). Na verdade, o receio do padre era de se defrontar com qualquer mulher nua, pois temia não resistir aos desejos carnaís. Temia igualmente esclarecer-se sobre sua condição de ser humano que por séculos vinha sendo comandada pelos desígnios de uma instituição que já não era mais capaz de deter os anseios do corpo. Mas para encontrar-se como ser social Nando precisa reunir-se a si mesmo, numa atitude

narcísea. Lipovetsky vê o narcisismo<sup>10</sup> como um dos principais atores do processo de personalização<sup>11</sup> do indivíduo contemporâneo. Segundo ele:

O narcisismo, pela atenção cuidadosa que dá ao corpo, por seu cuidado permanente para que haja um funcionamento perfeito, derruba as resistências “tradicionais” e torna o corpo disponível para todas as experimentações. O corpo, assim como a consciência, torna-se um espaço flutuante, um espaço sem lugar fixo, entregue à “mobilidade social” (LIPOVETSKY, 2005, p. 44).

Uma dessas experimentações realizadas pelo corpo no sentido de se conhecer e se libertar das prescrições religiosas tradicionalistas é a prática do sexo como forma de realização de desejos, e não mais como mero processo de procriação. E Nando, obedecendo ao impulso natural, tem seu medo atenuado bem antes do seu primeiro contato com as índias:

---

10 - O narcisismo é um processo de libertação do Eu, que visa conseguir autonomia e independência sobre si mesmo. Ele representa o início de uma era em que o indivíduo se concentra em torno de si, que vive para si mesmo, sem se preocupar com seu passado ou seu futuro. De acordo com Lipovetsky (2005, p. 32), “o narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o 'capitalismo' autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo. A idade de ouro do individualismo, concorrente no nível econômico, sentimental no nível doméstico, revolucionária nos níveis político e artístico, chega ao fim e um individualismo puro se desenvolve, desembaraçado dos últimos valores sociais e morais que ainda coexistiam com o reino glorioso do homo oeconomicus, da família, da revolução e da arte; emancipada de qualquer enquadramento transcendental, a própria esfera privada muda de sentido, uma vez entregue aos desejos variáveis dos indivíduos. Se a modernidade se identifica com o espírito do empreendimento e com a esperança futurista, é claro que, devido à sua indiferença histórica o narcisismo inaugura a pós-modernidade, a última fase do homo aequalis”.

11 - O processo de personalização corresponde a uma nova maneira de organização na esfera das instituições sociais, em que o indivíduo se vê livre do controle disciplinar e coercivo, característico dos primeiros momentos de existência das sociedades modernas.

Winifred o empurrou para a cama e começou a despir-se como se estivesse só, como se fosse tomar um banho. Nando num repelão começou a fazer o mesmo. Encontraram-se de pé no meio do quarto e mau se colou a um corpo inteiro de mulher Nando virou uma tempestade de gozo (CALLADO, 1984, p. 87).

Dessa forma é que ocorre o primeiro processo de desintegração de Nando. O padre desrespeitou um dos dez mandamentos da Igreja católica – a saber, o de não pecar contra a castidade. Nos dizeres do personagem D. Anselmo, bispo do Mosteiro:

– Padre católico é padre católico (...) – Nós não pertencemos ao cresceu e multiplicai-vos, Compreendeu? Nós somos os legítimos pastores de Deus. Guardamos o rebanho, longe dele. Guardamos as ovelhas. Não damos leite, não damos carne, não dormimos no curral (CALLADO, 1984, p. 24).

Mas o que fazer quando o desejo de satisfazer o corpo, de cuidar da auto-estima, é mais forte que seus dogmas religiosos? O poder que emana da voz do corpo de Nando superou a voz da instituição que censurou por muito tempo seus desejos, por meio de um discurso coercivo. O envolvimento de Nando com a jornalista Winifred, esposa do também jornalista Leslie, ambos de nacionalidade inglesa, foi determinante na decisão do padre sobre sua ida ao Xingu. A desintegração pelo sexo, inicia a longa caminhada que reintegra Nando como indivíduo novo e não mais disperso em relação ao mundo.

#### **4.2 O éter**

Antes de iniciar sua missão propriamente dita Nando tem que realizar alguns procedimentos burocráticos no Rio de Janeiro, junto ao SPI (Serviço de Proteção ao Índio), onde faz amizade com vários funcionários daquele órgão. Sua ida a então capital brasileira ocorre no segundo capítulo do romance, de título “O éter”, iniciando com um episódio que marca o seu segundo processo de desintegração:

Ao umedecer de novo o lenço, para não interromper o bem-estar e a sensação de poder, Nando lançou um olhar aos companheiros [...] Antes de aspirar o lenço gelado Nando viu [...] a bisnaga de vidro brilhando com um esplendor de diamante, palpitando como o revolver de Hosana. Entendia tudo e tinha nas mãos vida e morte [...] Cheirou guloso a plenos pulmões a friagem perfumosa (CALLADO, 1984, p. 93).

Para um padre que já havia pecado contra a castidade, o ato de cheirar éter bem que poderia ser um pecado daqueles que se “paga” rezando duas ave-marias e dois pai nossos. Mas o fato é que o uso do éter no romance simboliza muito mais do que um simples pecado. Ele simboliza a subversão, a dissidência com as medidas autoritárias das instituições sociais. Além disso, seu uso por parte de vários personagens do romance, além de Nando, representa uma fuga, mesmo que temporária, aos problemas sociais que o país enfrenta. No romance, o ato de cheirar éter é ainda associado ao carnaval: “[...] povo nenhum antes de nós tornou o porre de éter um festim popular. O carnaval é isso, é um povo inteiro de inconsciente escancarado durante três dias e quatro noites” (CALLADO, 1984, p. 123).

A partir do segundo capítulo, o uso de éter se torna uma constante no processo de construção da obra, pelo menos até o momento em que Nando retorna a Pernambuco e perde contato com a maioria dos seus amigos do SPI. Numa conversa com Francisca, quando esta descobre que ele estava cheirando éter, Nando faz duas declarações surpreendentes: “– O éter me levou ao meu eu real e a busca desse eu real era você”; “– Mas eu me conheci no éter e sei que sou homem de dedicar a vida” (CALLADO, 1984, p. 332).

Quem seria este “eu real” que Nando havia encontrado? Certamente, ao cheirar éter, padre Nando entrava num estado de

libertação pessoal, alimentava em seu espírito uma sensação de poder e coragem necessários para romper as barreiras que o impediam de viver sua vida sem restrições. Reconhecer-se “no éter” simboliza para Nando o fim de uma fase de submissão e início de uma fase de autogestão. Para ele, o uso de éter foi um evento passageiro que não significou mais do que uma ponte que lhe permitiu migrar de um estado de aceitação de sua condição existencial para um estado de ação em defesa de seus interesses individuais.

### 4.3 O hedonismo

Fracassado seu plano de “civilizar” os índios da região central do Brasil, Nando retorna a Pernambuco e se dedica primeiramente a alfabetizar os camponeses e, em seguida, engaja-se nas lutas camponesas em defesa de melhores salários e condições de vida e emprego para o povo que trabalhava nos engenhos. Num dos protestos, Nando é preso e torturado. Depois de libertado, o padre resolve ir morar por algum tempo na praia de Boa Viagem, onde sua família lhe tinha deixado uma casa. Antes de se mudar, ele faz uma visita à sede do Sindicato, onde encontra uma placa que diz: “*Terra do Centro Geográfico do Brasil. Viva a Revolução. 31 de março de 1964*”. O narrador do romance descreve da seguinte forma a atitude tomada por Nando ao ler os dizeres: “Sem olhar para os lados, sem pensar em nada, concentrado a fundo no que fazia Nando abriu a braguilha das calças e mijou pausadamente em cima da placa” (CALLADO, 1984, p. 475). O episódio possui enorme representatividade no romance. Ele simboliza toda a frustração de Nando com a impossibilidade de realizar seu projeto revolucionário que teve de ser adiado. Em uma conversa com um companheiro de luta, Nando pronunciou as seguintes palavras: “– Eu acho a tua disposição de lutar a qualquer preço profundamente louvável [...] mas no momento

temos maiores chances de fazer apenas o mais difícil, que é mudar a vida em vez de mudar o mundo” (CALLADO, 1984, p. 503).

Essa atitude foi tomada por Nando. Vivendo sem preocupações com os problemas da vida, curtindo cada minuto como se fosse uma eternidade, o ex-padre só tem a preocupação com seu bem-estar, passando a viver em função do prazer e da felicidade. O sexo torna-se atividade “beneficente” para Nando, uma espécie de lenitivo: “– As mulheres me fizeram tão feliz que perdi a esperança da angústia. O amor que me deram é o que procuro distribuir hoje” (CALLADO, 1984, p. 488). Assim, Nando transforma-se em *expert* na arte de fazer amor. Além disso, passa a ensinar suas “técnicas” aos pescadores que conhece na praia.

A essa altura da narrativa sua frustração para com a revolução era tanta que chega a afirmar ser “mais proveitoso dormir com as mulheres do que trabalhar pelos homens” (CALLADO, 1984, p. 504). Contudo, mais do que um protesto pessoal quanto à impossibilidade de fazer revolução, a vida hedonista de Nando simboliza a dissidência com o *status quo* da sociedade tradicionalista; o protesto aos padrões de vida estabelecidos pelas instituições sociais; a rebeldia que historicamente passou a fazer parte do comportamento dos jovens inconformados com a situação política e cultural do Brasil, cujos rastros se fazem presentes no episódio derradeiro do romance: a fuga de Nando e Manuel Tropeiro para o interior do Nordeste, onde pretendem retomar o projeto revolucionário de Levindo.

### **Considerações finais**

Sobre o enredo do romance é importante observar que o protagonista Nando, nos três processos de desintegração, não

demonstra, em nenhum momento, sentir algum remorso por ter realizado atitudes que transcendem seus princípios morais de sacerdote. Além disso, todos os atos foram praticados como consequência das relações de poder e dos eventos históricos intertextualmente inscritos no romance. Alia-se a tudo isso uma voz que, direta ou indiretamente, por meio de comentários do narrador e dos personagens, cintila dissidência e subversão, ora ligadas aos elementos da contracultura, ora ligadas aos conteúdos da ideologia revolucionária dos camponeses do Nordeste brasileiro e, circunscrita a ela, da ideologia da resistência ao regime militar de 1964.

Os traços da narrativa contemporânea se fazem presentes na medida em que Nando pratica sexo, cheira éter e passa a levar uma vida hedonista como forma de romper com os laços que o prendiam aos mecanismos repressivos e coercivos da Igreja católica e posteriormente pela presença do estado autoritário; como forma de expressar os desejos de seu corpo, por muito tempo, silenciados; como forma de se encontrar consigo mesmo e de avaliar sua condição existencial.

É importante ressaltar que o confronto explícito com o autoritarismo e a violência do estado ditatorial marca **Quarup** de maneira irredutível como ficção engajada. Contudo, essas etapas de desintegração ultrapassam e superam a relação intertextual óbvia com a história, e com um certo tom panfletário, pois se consolida acima de tudo como processo amoroso que se ordena a partir do amor, da alegria e da existência criativa. Aspectos universais, portanto confluem para o estado permanente de subversão a que Nando se submete e são importantes para a compreensão de **Quarup** enquanto projeto ficcional.

A narrativa consegue retirar desses elementos universais o núcleo secreto do político em sua condição primordial, a partir da idéia de que qualquer utopia coletiva é inerente a uma revolução individual fundada na capacidade de doar-se. Desse modo, o *Bildung* pelo qual o protagonista passa se mescla à desintegração de si, capturando de um determinado paradigma de existência fortes ressonâncias dos elementos anti-conservadores e anti-convencionais. Esses elementos se constituem na base do projeto amoroso desenvolvido pelo protagonista: ver o amor como entrega antropofágica, que o leva a se distribuir como alimento, a se deixar devorar pelos outros como pão e vinho, até se tornar um especialista em saciar o corpo alheio pelo prazer sexual.

Mas, o amor aqui antes de tudo é uma atitude intensamente política, por isso saciar um de cada vez não é suficiente. Logo, entrar na luta armada funciona como culminância desse processo amoroso que engole Nando, e que o precipita finalmente numa doação integral de si mesmo.

## Referências

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1983. p. 394.

BASTOS, Alcmeno. Um aprendizado de Brasil – o romance político de Antônio Callado. *In: \_\_. A História Foi Assim: o romance político brasileiro dos anos 70/80*. Rio de Janeiro: Caetés, 2000. p. 17-41.

BONNICI, Thomas. Novo historicismo e materialismo cultural. *In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.) Teoria*

**Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. p. 197-202.

CALLADO, Antônio. **Quarup**: romance. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Ea do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

MACHADO, Janete Gaspar. **Constantes Ficcionais em Romances dos Anos 70**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

MARTINELLI, Marcos. **Antonio Callado**: um sermonário à brasileira. São Paulo: Annablume/FAI, 2006.

MATOS, Olgaria C.F. **Paris 1968**: as barricadas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.